

**SÍMBOLOS E MONUMENTOS: AS COMEMORAÇÕES DE  
EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DO PARANÁ NOS  
LOGRADOUROS DE CURITIBA**

**SYMBOLS AND MONUMENTS: THE COMMEMORATIONS  
OF THE POLITICAL EMANCIPATION OF PARANÁ  
IN CURITIBA'S COURTYARDS**

**Aparecida Vaz da Silva Bahls<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Autor para contato: Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba, Curitiba, PR, Brasil; (41) 3321 3295; e-mail: allecida@pop.com.br

*Recebido para publicação em 15/08/05*

*Aceito para publicação em 08/10/05*

**RESUMO**

O presente trabalho pretende abordar a noção de memória, seus usos e manipulações pelo poder público, e sua relação com a história, partindo dos vestígios deixados por dois acontecimentos marcantes na historiografia regional paranaense: as comemorações alusivas ao Cinquentenário e ao Centenário de Emancipação Política do Paraná, comemoradas em 19 de dezembro de 1903 e em 19 de dezembro de 1953, em Curitiba. Para essa reflexão utilizamos os monumentos e os símbolos criados para perpetuar esses acontecimentos e o ritualismo em torno desses objetos.

Palavras-chave: memória, comemorações, monumentos, acontecimento

**ABSTRACT**

The present paper intends to deal with the conception of memory, its uses and manipulations by the public power and its relation with history, based on traces left by two important events of the regional historiography of Paraná: the celebrations of the Fiftieth Anniversary and the Centennial of Paraná's Political Emancipation, celebrated in the city of Curitiba on December 19th, 1903 and December 19th, 1953, respectively. In order to accomplish this, we studied the monuments and symbols that were created to commemorate these events, as well as the ritualism that surrounds them.

Key words: memory, commemorations, monuments, event

Abordar o tema *comemorações* implica inicialmente discutir a noção de memória, que há muito tempo tem sido objeto de estudo entre os historiadores. Um avanço importante nas reflexões sobre esse tema foi promovido por Maurice Halbwachs, no início do século XX, quando o sociólogo elaborou o conceito de memória coletiva, segundo o qual o passado permanece vivo em um determinado grupo social. Contraindo-se a ela, a memória histórica é uma forma de conhecimento do passado, sem relação com a vivência do indivíduo.<sup>1</sup> Ao trabalhar as recordações coletivas, o indivíduo as ordena de acordo com suas próprias percepções que, contudo, também estão influenciadas pelos valores do grupo a que pertence. Assim sendo, a memória pode ser entendida como reconstrução do passado, como afirma Michael Pollak, e dessa forma, estaria sujeita a flutuações e alterações constantes.<sup>2</sup>

Apesar da teorização sobre a memória defendida por Halbwachs servir de referência a diversos estudos, a visão que o sociólogo tinha sobre a história dificultava qualquer possibilidade de aproximação entre estes dois conceitos. Nesse mesmo raciocínio, Antônio Montenegro coloca que, a diferenciação entre essas noções deve ser considerada, pois “*o vivido que guardamos em nossas lembranças e que circunscreve ou funda o campo da memória se distingue da história*”.<sup>3</sup> A memória e a história, entretanto, refletem e discutem o passado e, embora localizadas em campos diferentes, executam funções complementares, auxiliando na formação da identidade dos atores históricos.

Para que essa prerrogativa fosse aceita pelos intelectuais, tornou-se necessária uma transformação da história e de seus paradigmas, revisão essa ocorrida a partir da década de 1960. Nesse período, a utilização de novas fontes e de novos temas favoreceu o surgimento de uma nova geração de historiadores, abertos para os conhecimentos especializados de outras áreas a serem aproveitados também na pesquisa histórica. A valorização da ação e da narração fez com

que os atores passassem a atuar como sujeitos de sua própria história, evidenciando suas crenças e seus pensamentos. Essa reabilitação do sujeito colaborou para que ele se situasse no mundo em que vive, como agente de mudança histórica, tendo como base, além das experiências que adquiriu ao longo da vida, suas lembranças e recordações, interagindo com as do grupo a que pertence. A memória traduziu-se, então, em uma importante fonte não somente para legitimar o passado, mas também para se trabalhar o presente. Daí, ser um dos principais instrumentos dos historiadores que trabalham com a história do tempo presente.

Para Pierre Nora, a memória emerge de um grupo por ela unificado, e é esse grupo que determina “*o que é memorável, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo*”.<sup>4</sup> A partir desses questionamentos, Nora construiu a noção de *lugares de memória* que, segundo ele, servem para garantir a fixação das lembranças e de sua transmissão, e estão impregnados de simbolismos, pois caracterizam acontecimentos ou experiências vividas pelos grupos, ainda que muitos de seus membros não tenham participado diretamente de tais eventos. Ao conservarmos museus, monumentos, devemos atribuir-lhes significados, criando bibliotecas, hinos, celebrações, para que a memória não se esvazie de todo. Um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, “*só é lugar de memória se a imagem o investe de uma aura simbólica*”.<sup>5</sup> Ou seja, o arquivo precisa ser trabalhado, exprimir um significado.

Esses lugares envolvem o tempo, a mudança e a história. Como coloca Nora:

O lugar de memória deve parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num máximo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória

<sup>1</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p.53-89.

<sup>2</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: FGV, 1992, v.5, n.10, p.201.

<sup>3</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994, p.17.

<sup>4</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, 1993, n.10, p.9.

<sup>5</sup> Ibid, p.21.

só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.<sup>6</sup>

A noção de vestígio, essencial no trabalho elaborado por Nora, constitui o elo indizível que liga o tempo por intermédio de seus rastros memorativos. Citamos, como exemplo, os monumentos da Praça 19 de Dezembro, em Curitiba: instalados entre 1953 e 1955, representam um passado histórico, e ainda hoje atuam na memória da população, contribuindo para eternizar as comemorações do centenário do Paraná.

Os historiadores são convidados então a revisitar com outra atitude os mesmos objetos a partir de tais vestígios deixados na memória coletiva por fatos, homens, símbolos, emblemas do passado. Dessa forma, lembra Nora, deve-se buscar na história, não os seus determinantes, mas seus efeitos, não as ações comemoradas, mas seus rastros, não apenas os acontecimentos por si só, mas a maneira como eles se construíram, não o passado como se passou, mas suas reutilizações, não a tradição, mas como ela se constituiu e transmitiu.

Podemos considerar os monumentos\*, nesse sentido, como pontos de referência que estruturam nossa memória e a introduzem na memória da coletividade da qual fazemos parte. Eles precisam ser ritualizados para garantir sua permanência na memória do grupo, daí a relevância das comemorações nacionais e seu valor simbólico.

É importante destacar que a memória não é apenas uma repetição de atitudes. Ela sugere as transformações da sociedade, é também instrumento de poder, ao criar ou eternizar a memória dos grupos, criando ou destruindo identidades sociais. Pode-se entender a memória oficial que procura definir e reforçar sentimentos de pertencimento ao grupo a fim de promover uma legitimidade histórica do passado para consolidar a memória coletiva. Isso acontece quando o poder público e determinados segmentos da sociedade

de se apropriam de certas ações memorativas reformulando calendários, organizando comemorações, propondo símbolos e novas tradições: “*Tornar-se senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas*”<sup>7</sup>, afirma Jacques Le Goff. Ao tratar das obras do centenário de emancipação do Paraná, percebe-se como o governo do Estado procurava associá-las a um benefício extensivo a toda a população, “um orgulho para os paranaenses”.

Essa alusão ao passado mantém a coesão do grupo e das instituições, procurando assegurar-lhes uma identidade própria. É o caso, como veremos adiante, da instalação dos monumentos da Praça 19 de Dezembro, idealizados para representarem o homem paranaense progressista (estátua do homem nu), mas também relembrando sua origem e seu desenvolvimento (painéis de Erbo Stenzel e de Humberto Cozzo, e de Poty Lazzarotto, retratando a evolução econômica e administrativa do Paraná).

Inseridas nesse contexto, as “comemorações” são interessantes objetos de estudo ao celebrarem acontecimentos passados, seja através de eventos efêmeros (desfiles, discursos), mas que se repetem regularmente, seja através de símbolos e monumentos que perpetuam em seus traços aquilo que se teme possa ser esquecido. Nesse processo, há uma relação de temporalidade entre o passado da história e o presente da memória.

Para Paul Ricouer, a reflexão sobre o tempo é uma trilha para a qual o historiador precisa enveredar para entender melhor sua prática disciplinar. Assegurando a continuidade temporal, a memória se aproxima da história pela sua noção de veracidade. Mais do que nunca, em um período de crise de valores identitários e de referências, como o que vivemos, as comemorações “*tendem a demonstrar que o acontecimento “rememorado”, em razão do seu valor simbólico, visa, sobretudo, o dever. Em busca de um*

<sup>6</sup> Ibid, p.22.

\* A origem etimológica da palavra “monumentum” remete-nos à raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais da mente, a memória. O verbo *monere* quer dizer fazer recordar, avisar, iluminar, instruir. Sendo assim, o monumento, como coloca o historiador Jacques Le Goff, é um sinal do passado, tudo aquilo que evoca o passado, perpetua a recordação. Portanto, além de bustos e estátuas, uma edificação, uma placa ou um selo comemorativo, ou até uma publicação podem ser considerados monumentos.

<sup>7</sup> LE GOFF, Jacques. **História. Enciclopédia Einaudi** – Memória – História. Porto: Imprensa Nacional, 1984. p.13.

*consenso nacional, o poder político investe nas lembranças das grandes datas, de maneira a encontrar no passado uma legitimidade histórica que permita consolidar a memória coletiva*”.<sup>8</sup>

Comemorar significa reviver coletivamente a memória de um acontecimento, perenizar grandes valores e ideais de um grupo social, e é nessa perspectiva que enfocaremos as festividades do cinquentenário e do centenário de elevação do Paraná à categoria de província, realizadas em Curitiba, respectivamente, em 1903, na Praça Eufrásio Correia, e em 1953, em diversos locais da capital paranaense.

### **As comemorações do Cinquentenário de Emancipação do Paraná na Praça Eufrásio Correia**

Inicialmente, ao se estudar as praças de Curitiba, é importante ter em mente como a evolução urbana, nas primeiras décadas do século XX, transformou esses locais – amplas áreas lamacentas e de grama rasteira, que serviam de passagem para os moradores e de pasto para os animais – em importantes elementos da trama urbanística. Pelo seu traçado e ornamentação com aléias, coretos e repuxos, tais logradouros simbolizavam a prosperidade da *urbe* e eram utilizados de diversas formas pelo poder público e pelos habitantes locais. Apresentação de bandas e de circos, exposições de animais e de brinquedos, inusitadas touradas marcaram a história desses espaços.

A Praça Eufrásio Correia, localizada entre dois marcos arquitetônicos, a antiga estação ferroviária e o prédio da atual Câmara Municipal, recebeu os primeiros melhoramentos somente em 1903, para a realização de um dos mais importantes acontecimentos ocorridos em terras paranaenses – uma exposição de produtos naturais, industriais, agrícolas e pastoris, que contou com a participação de diversos municípios do

Paraná. Promovida pela Sociedade Estadual de Agricultura, a exposição tinha como objetivo homenagear o cinquentenário de emancipação política do Paraná, comemorado em 19 de dezembro daquele ano. O evento também pretendia promover a preparação oficial da representação dos produtos brasileiros para a Exposição Universal de Saint-Louis, nos Estados Unidos, e inventariar as riquezas naturais, industriais e artísticas paranaenses. As exposições internacionais, como aponta Anne-Marie Thiesse, transformaram-se em lugares por excelência de exibição identitária, a partir de meados do século XIX.<sup>9</sup>

É com o intuito de forjar uma identidade regional paranaense, exaltando a natureza, a fertilidade de suas terras e o seu desenvolvimento agrícola, que a Sociedade de Agricultura organizou a exposição. Formada por jornalistas, comerciantes e intelectuais, e tendo como expoente máximo Romário Martins, a associação apresentou-se habilitada para gerir o evento. Também não foi por acaso que a Praça Eufrásio Correia foi escolhida para sediar o certame. Espaço de circulação para os viajantes que desembarcavam na estação ferroviária, e cercada de construções imponentes que abrigavam hotéis, residências e instituições públicas, como o Palácio do Congresso\*, o logradouro localizava-se na principal região da cidade.

A prosperidade econômica do Estado, favorecida pela grande exportação de erva-mate, resultou em reportagens ufanistas, valorizando o povo paranaense e o grande evento:

As exposições tendem hoje a tornar-se universais, e, mais ainda, permanentes. Dos produtos expostos nesta Capital a 19 de Dezembro, uns seguirão caminho do estrangeiro, onde, não para confrontos mas para prova da nossa capacidade, nos firmaremos como força que age independentemente já em várias esferas de concurso estranho; outros aqui permanecerão atestando a nossa útil influência na prosperidade nacional, até que bem patente fique aos olhos do país que o Paraná de

<sup>8</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/ comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.22, n.44, p.425.

<sup>9</sup> THIESSE, Anne-Marie. *A criação das identidades nacionais: Europa – Séculos XVIII-XX*. Lisboa : Temas e Debates, 1999, p.17.

\* Hoje sede da Câmara Municipal.

hoje é um mundo novo, capaz de honrar a coletividade brasileira em qualquer manifestação prática e intelectual de sua atividade.<sup>10</sup>

Patriotismo, progresso, modernização – sob esses preceitos se estabeleceram as comemorações dos cinquenta anos de emancipação do Paraná. O comitê organizador do evento definiu que fossem erguidos pavilhões na Praça Eufrásio Correia, a exemplo do que se fazia com grande sucesso em outras localidades.

Em agosto de 1903, a imprensa noticiou o andamento dos trabalhos para a exposição. A praça foi aplainada e revestida com pedregulho, fechada com cerca, ajardinada e equipada com bancos. Preocupados com a fugacidade da memória, os planejadores do cinquentenário do Paraná elegeram símbolos para assegurar a rememoração do acontecimento. A Imprensa Paranaense encarregou-se de litografar os desenhos de vários pavilhões, com o respectivo orçamento, para serem distribuídos aos municípios do Estado. Promoveu-se a abertura de um concurso para a confecção de uma medalha comemorativa do cinquentenário:

Estão bem encaminhados os trabalhos preparatórios da exposição a abrir-se nesta capital a 19 de dezembro do corrente ano. Em breves dias terá começo a construção do grande pavilhão central da exposição que, está acertado, se realizará na Praça Eufrásio Correia. Na última sessão das comissões na sede da Sociedade de Agricultura, ficou resolvido pôr-se em concurso o desenho da medalha comemorativa do 50º aniversário da instalação da Província do Paraná e a organização de um livro sobre o Estado. (...) <sup>11</sup>

Uma ampla propaganda foi feita em todo o Paraná e em outras partes do país. No Rio de Janeiro, então capital federal, o coronel João Eugênio G. Marques tratou de divulgar a projetada exposição.

Diversas cidades do interior aderiram ao evento, como Ponta Grossa, Guarapuava, Antonina e Paranaguá. Nestas e em outras localidades, formaram-se comitês para representar cada município no grande certame. Em Guarapuava, recomendava-se aos fazendeiros que selecionassem animais de diversas raças e produtos da indústria local, a fim de que a cidade ocupasse lugar distinto entre as demais na exposição. A colônia polonesa de Curitiba resolveu erguer seu próprio pavilhão para apresentar os seus produtos.

Dos objetos a serem expostos, a imprensa ressaltava os artigos mais variados e criativos: trabalhos de marcenaria, como uma mesa confeccionada por Augusto Manassés, na forma de uma rosa dos ventos composta com cento e sessenta qualidades de madeiras da flora paranaense, além de outra mesa representando o mapa da América, oferecida ao presidente Roosevelt. Produtos representativos da região também foram expostos: velas de cera, vinhos, plantas medicinais, erva-mate, pedras preciosas, cerâmicas, obras de arte. Tiveram que ser construídas baias para abrigar os animais. Foi eleito um grupo de pessoas para julgar os produtos e premiar os primeiros lugares com moedas de ouro, prata e bronze, e prêmios em dinheiro.

A Sociedade de Agricultura e a Prefeitura tinham interesse em fazer com que os participantes e os apreciadores da exposição se sentissem membros atuantes na obra de progresso do Paraná. Era uma forma de incultir-lhes um sentimento de pertencimento à terra em que viviam e de valorização de suas riquezas. Com isso, desenrolava-se um processo de legitimação do passado histórico do Paraná, implantado pela memória oficial, que ora se cristalizava nas festividades dos seus cinquenta anos. Reviver coletivamente a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, enaltecendo os valores e princípios de uma comunidade é, portanto, um dos principais objetivos das comemorações.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> A REPÚBLICA. Curitiba, 17 out. 1903, v.18, n. 234, p. 1.

<sup>11</sup> A REPÚBLICA. Curitiba, 10 ago. 1903, v.18, n.178, p.1.

<sup>12</sup> SILVA. op. cit., p.428.



Acervo: Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio/FCC

Abertura da exposição comemorativa do cinquentenário da instalação da Província, em 19 de dezembro de 1903, na Praça Eufrásio Correia.



Acervo: Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio/FCC

Pavilhão dos sabonetes de Henrique Withers na exposição do cinquentenário do Paraná, na Praça Eufrásio Correia, em 1903.

Representantes da imprensa fluminense e paulista foram convidados e estiveram em Curitiba para acompanhar a abertura da exposição. No dia 19 de dezembro, as principais ruas da cidade, repletas de curiosos, encontravam-se ornamentadas com arcos de folhagens, escudos e bandeirolas. O comércio manteve as portas fechadas.

Em frente ao prédio do Congresso, o regimento

de segurança aguardava a chegada das autoridades. Estavam presentes o governador do Estado, Xavier da Silva, o governador eleito Vicente Machado, juízes, religiosos. Após a cerimônia, houve um brinde de champanhe. Em seguida, todos foram para a praça da exposição, onde Xavier da Silva e representantes do governo federal desataram o laço simbólico e adentraram ao pavilhão principal, “*um belo edifício feito em estilo moderno, revelando apurado gosto artístico*”, relatou posteriormente o jornal *A República*. As bandas marciais tocaram o Hino Nacional, e as pessoas presentes assinaram a ata da abertura da Exposição. Após, a multidão circulou pelos pavilhões.<sup>13</sup> Um dos mais visitados foi o pavilhão de Henrique Withers, que comercializava sabonetes finos, diferentes marcas de sabão, pó-de-arroz e muitos outros artigos de *toilete*. Um mostruário com centenas de marcas de perfumes atraiu as atenções femininas.

O Parque da Exposição, como ficou conhecido o espaço da Praça Eufrásio, teve grande êxito. Devido ao numeroso público que freqüentava o logradouro, a Prefeitura instalou uma linha de bondes para levar visitantes até o local, trens transportavam passageiros de várias partes do Estado e do país, cuja viagem tinha o preço promocional de 50% de desconto para aqueles que vinham apreciar a exposição. Em 26 de dezembro do mesmo ano, inaugurou-se na Praça, o pavilhão-teatro com espaço para trezentos espectadores. Além de uma saleta de espera, havia uma galeria que servia de coreto e onde foi instalado um cinematógrafo.

Em janeiro de 1904, embora a exposição permanecesse aberta ao público, alguns produtos já estavam sendo encaixotados para a exposição de São Luís.<sup>14</sup> A premiação aos expositores aconteceu somente em 1º de janeiro de 1905, no Congresso do Estado.

Devemos, no entanto, ressaltar que o apoio da imprensa à exposição da Praça Eufrásio não foi unânime. O jornal *Diário da Tarde* teceu críticas ferrenhas ao acontecimento, qualificando-o como um afã de barulho, de apresentações espalhafatosas e de desorganização e, principalmente, por generalizar como riquezas do Paraná a exibição dos produtos de “*cinco ou*

<sup>13</sup> A REPÚBLICA. Curitiba, 21 dez. 1903, v.18, n. 288, p.2.

<sup>14</sup> A REPÚBLICA. Curitiba, 16 jan. 1904, v.19, n. 12, p. 2.

*seis municípios desta terra.*”<sup>15</sup> Essa, entretanto, foi uma opinião isolada, se a compararmos com os diversos periódicos que noticiaram o evento. Romário Martins destacou, na época, que aquela havia sido a exposição mais bem organizada no Paraná, uma grande festa do trabalho do homem paranaense, identificando-o como homem da terra e homem trabalhador.

Dos rastros deixados pela celebração do cinquentenário do Paraná ficaram medalhas, fotografias, registros escritos que nos garantem a sua rememoração. Como afirma Nora, a incerteza do futuro e a preocupação com o presente atribuem ao mais modesto dos vestígios o valor do memorável.<sup>16</sup> Ao historiador cabe interpretar em termos contemporâneos o que já não existe mais, transferir-se para um outro presente que não é o seu, e torná-lo legível para seus contemporâneos.<sup>17</sup>

### A “refundação de Curitiba” nas comemorações do Centenário do Paraná

O espírito ufanista que permeou as comemorações dos cinquenta anos também esteve presente na organização dos festejos do 1º Centenário de emancipação política do Paraná, em 1953. Imbuído desse pensamento, Bento Munhoz da Rocha Netto assumira o governo do Estado dois anos antes, tendo como meta principal de sua gestão construir marcos culturais e arquitetônicos que assinalassem, para a posteridade, o centenário do Paraná. Assim sendo, os monumentos apresentavam-se como um dos aparatos mais eficazes para preservar na memória da coletividade, os cem anos do Paraná.

Intelectual, escritor, professor de engenharia da Universidade do Paraná, Munhoz da Rocha era filho e genro de estadistas e um ardoroso defensor do Estado. Durante sua vida profissional, produziu diversas obras exaltando as riquezas paranaenses. Um dos ob-

jetivos iniciais do governador foi a criação de uma Biblioteca Central do Estado:

Uma das mais destacadas iniciativas no plano a elaborar-se para as comemorações é sem dúvida o da criação da Biblioteca Central do Estado. Não é sem constrangimento que reconhecemos ter o Paraná regredido nesse fundamental setor cultural, pois foi fechada a precária biblioteca pública que a Capital do Estado possuía e seus 25.000 volumes encontram-se desordenadamente empilhados num improvisado refúgio.<sup>18</sup>

Começaram a ser erguidos o Teatro Guaíra e o Grupo Escolar Tiradentes. A atenção maior, entretanto, esteve voltada para a construção das obras dos edifícios que formariam o Centro Cívico, um monumento comemorativo da grandeza do Paraná, elevando Curitiba à categoria de primeira cidade da América do Sul e uma das pioneiras do mundo a centralizar as repartições públicas em um conjunto arquitetônico. Recomendava-se que as obras fossem grandiosas. Era como se o Paraná exigisse monumentalidade: “*O que se fizer no Paraná deve ser feito em grande escala, ou então não ser feito. Fazer com timidez, fazer com acanhamento, fazer com mediocridade será um crime contra o futuro. (...) À nossa geração cabe este papel, cabe essa missão de realizar, de planejar para o futuro*”<sup>19</sup>, anunciava Munhoz da Rocha na revista O Cruzeiro.

O governador pretendia lembrar às gerações futuras sua passagem pelo poder, através de uma arquitetura moderna, uma das “exigências do progresso”: uma monumentalidade modernista. Como coloca a professora Otília Arantes, ao referir-se a obras desse porte: “*(...) não se trata de uma construção qualquer implantada não importa onde, mas de um edifício que propositalmente mobiliza um sem-número de referências históricas e locais, e que se insere no entorno na condição superlativa de marco, forçando sua entrada na História. Um monumento, em*

<sup>15</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 24 nov. 1903, p.1.

<sup>16</sup> NORA, op.cit., p.14.

<sup>17</sup> DOSSE, François. **A história à prova do tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p.78.

<sup>18</sup> MENSAGEM do Governador à Assembléia Legislativa do Estado. Curitiba, v.3, n.25, jun. 1951, p. 115.

<sup>19</sup> O CRUZEIRO. Paraná brotinho de cem anos. Rio de Janeiro, 1954, v. 26, n.14, p.50-55.

suma, e como tal suscetível de decifração simbólica, no caso, de leitura imediata e inquestionável”.<sup>20</sup> A memória pois sacraliza, comemora, celebra seus mitos ao eleger símbolos como instrumentos para celebrar a nação. Sem dúvida, os grandes marcos modernistas do governador do Paraná cumpriram essa meta.

Ao tratarmos da celebração do centenário do Estado, a atuação de Bento ao eleger monumentos para consolidar a ocasião, temos o que Pollak considera como os três elementos constitutivos da memória: o acontecimento, as personagens e os *lugares de memória* desse acontecimento. Concordamos com o sociólogo e outros intelectuais, quando estes afirmam que não é necessariamente preciso que o indivíduo vivencie o acontecimento, para que o mesmo se fixe em sua memória, uma vez que o acontecimento é parte integrante da memória coletiva. Interessa-nos compreender como ele foi registrado no imaginário urbano, especialmente pelos seus símbolos e monumentos, quais os *lugares de memória* que o identificam.

Para gerenciar as obras a serem inauguradas em 19 de dezembro de 1953, o governo criou, em 1951, a Comissão Especial de Obras do Centenário - CEOC. No início dos trabalhos, a Comissão deliberou que fossem feitas pesquisas no Arquivo Histórico de São Paulo e fotocopiados os documentos relativos ao Paraná. Contratou-se um especialista no assunto, do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, para orientar essa coleta. A fim de divulgar as belezas naturais do Estado, como Vila Velha, Serra do Mar e Cataratas do Iguaçu, se pensou em organizar visitas e filmar esses pontos turísticos. Foram previstas edições comemorativas de várias publicações enfocando estudos históricos, etnológicos, biográficos e geográficos sobre o Paraná, ficando o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense incumbido de elaborar a “História do Paraná” e a “Galeria dos Presidentes”. Obras inéditas do compositor Brasília Itiberê estavam para ser divulgadas. A criação de museus, na Lapa e em Paranaguá, também constava no programa de festejos. Temos aqui, então, uma série de objetos criados ou direcionados para eternizarem o centenário e a visão do Paraná que se pretendia divulgar. Sejam obras escritas, pontos turísticos

ou arquivos, eles servem para organizarmos nossa memória acerca da história estadual, e se inserem na idéia de monumentos que pretendemos utilizar com base nas afirmações de Le Goff: o monumento é um sinal do passado, tudo aquilo que nos permite recordar, ativar nossa memória.

Dentre as iniciativas aprovadas, figuravam monumentos comemorativos simbólicos: inauguração na capital de um grande obelisco no Centro Cívico e, no interior, inauguração de obeliscos, monumentos e placas comemorativas; monumentos arquitetônicos, como o Centro Cívico; na área cultural, a inauguração da Biblioteca Pública do Paraná, de um Teatro Oficial do Estado e da Casa Alfredo Andersen; inauguração do Colégio dos Jesuítas em Paranaguá e ampliação do Museu da Revolução Federalista na Lapa; uma exposição estadual, e inúmeros congressos científicos e religiosos, como o de Filosofia, de Folclore, das Universidades Brasileiras<sup>21</sup> e um congresso eucarístico realizado na Praça Rui Barbosa, completavam as festividades.



Moedas comemorativas do centenário do Paraná, homenageando Munhoz da Rocha e Zacarias de Vasconcelos, e a Exposição Internacional do Café. Fotos da revista *Ilustração Brasileira* de 1953.

<sup>20</sup> ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Os dois lados da arquitetura francesa pós-beaubourg. *Novos estudos*. n.22, p.111, out 1988.

<sup>21</sup> ANUÁRIO Sul do Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1952, p.52-53.

Em maio de 1952, a imprensa curitibana divulgou a liberação de vinte milhões de cruzeiros pelo governo federal para as comemorações do centenário. A posição econômica do Paraná, que na época se destacava nacionalmente como grande exportador de café, teria justificado tal empréstimo.

Para realizar o programa estabelecido, Munhoz da Rocha escolheu o Secretário de Agricultura de seu governo, Newton Carneiro, auxiliado pelo escritor Valfrido Piloto. O engenheiro Elato Silva destacou-se na supervisão das obras não só do Centro Cívico, mas da Biblioteca Pública, do Teatro Guaíra, do Grupo Escolar Tiradentes, do Centro de Letras.

Para reforçar a economia, colocando o Paraná em evidência no cenário nacional e internacional, a Comissão projetou o Congresso e a Exposição Mundial do Café. O Tarumã foi o local escolhido para a execução desse evento, onde se construíram pavilhões que também abrigariam a feira de Curitiba, abrangendo mostruários industriais e comerciais de várias regiões do Brasil e do exterior e até um *stand* especial para a degustação da bebida. Convidaram-se importadores e exportadores do produto, de várias partes do mundo, e membros de instituições representativas daquele produto, como a Associação Nacional do Café dos Estados Unidos. Países da Europa ficaram de enviar delegações.<sup>22</sup>



Busto de Zacarias ornamentado com o mapa do Paraná e seus municípios. Foto da revista *Ilustração Brasileira* de 1953.

A Exposição Mundial do Café foi um dos principais acontecimentos do centenário, reflexo do *boom* econômico que atingiu o Estado, graças ao grande volume de exportação do produto. O café, naquele momento, identificava o Paraná como grande produtor agrícola e dignificava, especialmente, o lavrador como co-responsável pela prosperidade paranaense. Tal fato coaduna com o sentido das exposições apontado por Anne-Marie Thiesse: exprimir o significado de um povo, de uma comunidade. Entretanto, é interessante notar que, os habitantes do norte do Paraná, onde o café era cultivado e que gerou esse afã de progresso entre os moradores da antiga província, não se identificavam com os paranaenses, mas com os paulistas e os gaúchos, devido ao processo de migração que ocorreu na região.

As comemorações do centenário tiveram início em 29 de agosto de 1953, com as festividades que homenagearam a Lei nº 704, assinada havia exatos cem anos, transformando a 5ª Comarca de São Paulo em Província do Paraná. Bem cedo a banda de clarins da Polícia Militar executou a alvorada do alto de um dos edifícios do centro da cidade. Às 8 horas houve o hasteamento das bandeiras nacional e estadual, na Praça Santos Andrade. Ali, alunos do Instituto de Educação cantaram os hinos do Paraná e do Centenário. Depois de uma revoada de pombos, discursou o presidente da Assembléia Legislativa, Laertes Munhoz. Ainda pela manhã, foi celebrada uma missa solene na Catedral. Às 15 horas, a Assembléia Legislativa inaugurou um bronze alusivo à data. As comemorações se encerraram à noite, com um concerto sinfônico na Praça General Osório e um baile de gala, no Clube Curitibano.<sup>23</sup>

A administração federal dos Correios e Telégrafos confeccionou selos comemorativos homenageando o Paraná; o primeiro presidente da Província, Zacarias de Góes e Vasconcelos; o então governador do Estado, Bento Munhoz da Rocha Netto; a Exposição Internacional do Café, um dos grandes acontecimentos que marcaram o centenário.<sup>24</sup>

Para abrilhantar os festejos, a Comissão de Comemorações solicitou aos proprietários de residências, fábricas e lojas que as mantivessem iluminadas durante as noites de 18, 19 e 20 de dezembro, e aos

<sup>22</sup> A DIVULGAÇÃO. Curitiba: Velox Propagadora, ago. 1953, v.6, p.23.

<sup>23</sup> ILUSTRAÇÃO Brasileira: Edição Comemorativa do Centenário do Paraná. Rio de Janeiro: O Malho, 1953, v.44, n.224, p.92.

<sup>24</sup> A DIVULGAÇÃO. Curitiba: Velox Propagadora, ago 1953, v.6, p.23.

“diretores de estabelecimentos fabris, fazerem soar, à meia-noite do dia 18, apitos e sirenes, anunciando o término do primeiro século da existência do Paraná, como unidade emancipada da federação brasileira”.<sup>25</sup> A preocupação com os detalhes indica a ênfase que se quis imprimir às comemorações. Como coloca Paul Ricouer: “É pela seleção da lembrança, que passa essencialmente a instrumentalização da memória”.<sup>26</sup>

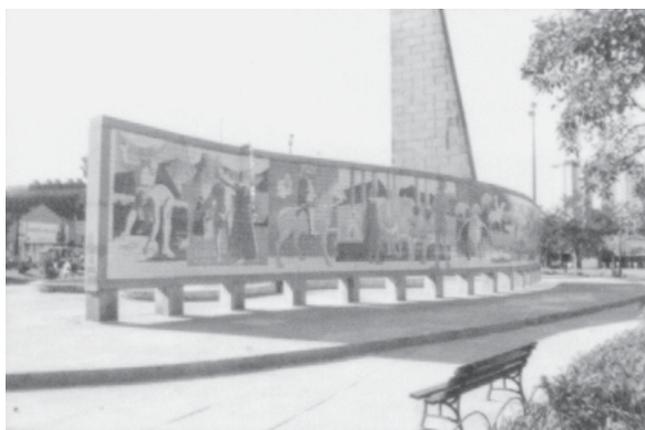
José Luís Guerra Rego, então prefeito de Curitiba, saudou os paranaenses salientando que a Curitiba, enquanto capital do Estado e sede do poder político da região, cabia a tarefa de cabeça do gigantesco e majestoso organismo que é o Paraná. “Como prefeito desta grande e formosa cidade de Curitiba, no ano do Centenário, saúdo todos os paranaenses, estendendo meus cumprimentos a todos os brasileiros e filhos de outras pátrias, que contribuem para o progresso deste majestoso Estado que, com apenas cem anos de vida, alcançou existência imortal!”<sup>27</sup>

Para presidir às solenidades de abertura dos festejos, o presidente da República, Getúlio Vargas, desembarcou em Curitiba em 18 de dezembro. Acompanhado de Munhoz da Rocha e demais autoridades, Getúlio inaugurou, nesse mesmo dia, o Grupo Escolar Tiradentes, e visitou o monumento a Zacarias de Vasconcelos localizado na praça do mesmo nome. Como decoração, foi feita uma base ao monumento formando o mapa do Paraná em relevo, com sua divisão administrativa, confeccionada com flores naturais. Na parte de trás dessa base, foi inscrita a Lei 704 de 29 de agosto de 1853, com a firma de D. Pedro II. Escudos e armas da República ornamentavam suas laterais. Um coral do Instituto de Educação e a Banda da Polícia Militar animaram a cerimônia, e discursos foram proferidos pelas autoridades. A participação da população em todos os segmentos dos eventos, seja na organização, na decoração de ruas e clubes, ou no comparecimento nas cerimônias conferiram uma legitimidade às comemorações do centenário.



Acervo: Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio/FCC

Painel de Erbo Stenzel e Humberto Cozzo retratando os ciclos econômicos do Paraná. Foto de 2003.



Acervo: Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio/FCC

Painel de Poty Lazzarotto simbolizando o desenvolvimento político paranaense. 2003.

Às 22h 30min do dia 18, o Clube Curitibano recebeu o presidente da República e o governador do Estado. A elite paranaense compareceu ao evento de gala. À meia-noite, Getúlio e Bento saudaram o dia 19, após o anúncio da festejada data, com fogos de artifício e salvas de morteiro. Decorando o ambiente do clube, havia um quadro gigantesco, feito pelo pintor paranaense Theodoro De Bona, a pedido do

<sup>25</sup> ÁLBUM do Natal do Centenário do Paraná da Revista A Divulgação. Curitiba: Velox Propagadora, v.7, p.1 dez. 1953.

<sup>26</sup> RICOUER, Paul. Entre mémoire et histoire. Projet. Paris, 1996, n.248, p.11.

<sup>27</sup> ÁLBUM do Natal do Centenário do Paraná da Revista A Divulgação. Curitiba: Velox Propagadora, v.7, p.21. dez. 1953.

governo estadual, representando a instalação da província.

Na manhã do dia 19, o presidente inaugurou o monumento do Centenário, na Praça 19 de Dezembro, formado por um obelisco de quarenta metros de altura, em granito, com o escudo do Paraná em baixo-relevo, esculpido no alto do monumento. Para construir esta e as demais obras, que não ficaram concluídas a tempo, e se integraram à praça mais tarde, o governo organizou um concurso público. O artista curitibano Erbo Stenzel, e o renomado escultor paulista, radicado no Rio de Janeiro, Humberto Cozzo,<sup>28</sup> ficaram incumbidos de concretizá-las.



Acervo: Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio/FCC

Estátua do homem nu, na Praça 19 de Dezembro, em Curitiba. 2003



Acervo: Casa da Memória/ Diretoria do Patrimônio/FCC

Escultura da mulher nua simbolizando a Justiça, equivocadamente instalada na Praça 19 de Dezembro, em 1972. Foto de 2003.

Vale ressaltar que a proposta original sobre esses monumentos, apresentada por Munhoz da Rocha a Stenzel, consistia em:

Um grupo de vinte e uma estátuas com configuração humana, simbolizando os estados do Brasil, destacando-se o Paraná à frente, representando um jovem dando um passo adiante dos demais. Tal obra integraria um conjunto de monumentos que seriam criados para o Centro Cívico: o obelisco e o espelho d'água, que ficariam do lado direito do palácio Iguazu e a escultura representando a Justiça, a ser situada em frente do Tribunal de Justiça.<sup>29</sup>

Stenzel considerou a idéia artisticamente inviável e sugeriu colocar somente a estátua representando o Paraná ao lado do Palácio Iguazu ou então instalar os monumentos no centro da Rua Cândido de Abreu. Ambas as idéias não agradaram ao governador que, entretanto, se satisfez com a possibilidade de a Praça 19 de Dezembro transformar-se na “Praça do Cente-

<sup>28</sup> Cozzo também confeccionou o conjunto de estátuas situadas no alto do Museu do Expedicionário e o painel “Alusão ao trabalho”, instalado no hall do Palácio Iguazu.

<sup>29</sup> LACERDA, Cassiana Lícia de. A praça e seus símbolos II. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 mar. 2003.

nário” e abrigar as peças memorativas de tal acontecimento.

Partindo de esboços enviados por Stenzel, Cozzo executou os monumentos da Praça 19, em seu amplo ateliê, em Petrópolis, em condições de desenvolver obras de grande porte. Mas a participação de Cozzo foi muito além do que simplesmente executar as obras, como atesta Cassiana Lacerda após consultar a correspondência mantida entre os dois artistas, de 1953 a 1955. Segundo Cassiana, coube a “*Cozzo conceber e executar os monumentos, encontrando soluções formais, adaptando-os aos cortes orçamentários e, mesmo, cortando figuras esboçadas por Stenzel para o baixo-relevo, em favor do rendimento artístico (...)*”.<sup>30</sup>

Junto aos demais monumentos projetados para integrar a praça, inaugurados somente em 15 de junho de 1955, estavam um painel na forma de biombo, voltado para a praça, em baixo-relevo, em granito retratando os ciclos econômicos do Estado (extrativismo, colonização, ciclo do trigo, da erva-mate, do café)\*, tendo no verso, outro painel, feito pelo jovem artista Poty Lazzarotto, em azulejo, representando a evolução política do Paraná.

Nenhuma dessas obras projetadas para a praça, porém, gerou tanta polêmica como a gigantesca estátua do “homem nu”, esculpida por Cozzo. Simbolizando o Paraná livre das correntes colonialistas e independente da província de São Paulo, a estátua inicialmente projetada inclinada para a frente, apresentou-se ereta, tendo um passo à frente e voltada para o Oeste, rumo ao progresso. O monumento não foi bem recebido pela população, especialmente pela imprensa que, através de manchetes provocativas e preconceituosas, exigia a retirada da estátua do logradouro. Criticavam o monumento por ter sido feito por um artista que não era da terra, o qual criou uma “*absurda interpretação do homem do Paraná do século XX*”.<sup>31</sup> Figuras proeminentes da capital manifestavam seu desprezo pelo “homem nu”. Para David Carneiro, “*a obra não re-*

*presentava coisa nenhuma e muito menos o homem do Paraná, dolicocefalo, louro e belo*”. O professor Oswaldo Piloto dizia considerar o homem deformado e que quando passava pela praça, fechava os olhos. As censuras de Carneiro e Piloto refletem a incompatibilidade entre o pensamento de alguns intelectuais da época sobre a identidade regional paranaense, que se pretendia transmitir, através dos monumentos, e a idealização e concretização das obras.

Quanto à estátua da “mulher nua”, que hoje se encontra na praça, também motivo de protestos pela ala conservadora da sociedade curitibana, fora idealizada para o Tribunal de Justiça. Significando a Justiça, sem venda nos olhos, balança e vestido, Stenzel a tinha projetado inclinada e ficou contrariado quando Cozzo lhe apresentou um modelo da “mulher” em posição reta. Colocada atrás do prédio do Palácio Iguazu, a estátua da mulher ali permaneceu por vinte anos. Somente em 1972, a Prefeitura autorizou a instalação desse monumento na Praça 19, ao lado do “homem nu”. Essa atitude foi muito criticada por Stenzel. Segundo o artista, a figura da mulher não tinha perspectiva em relação à do homem, quando muito deveria estar em um plano mais elevado que o da estátua masculina, e, principalmente, não havia sido concebida para ocupar o espaço da praça.

Paralelamente a essas inaugurações e homenagens prestadas às personalidades da história política do Paraná, aconteceram inúmeros festejos populares. Por sete dias realizaram-se espetáculos no palco armado na Praça Tiradentes, onde se apresentaram artistas de rádio de São Paulo e do Rio de Janeiro, orquestras, grupos folclóricos e teatrais, corais e a banda da Polícia Militar. Representantes de diversos municípios desfilaram pela Rua 15 de Novembro, exibindo painéis em homenagem ao 1º Centenário do Paraná. Um desfile militar reuniu unidades sediadas em Curitiba e no Estado, sendo considerado o ponto alto das comemorações cívicas. Quatrocentos marinheiros representavam a Marinha de Guerra. A apresentação inédita

<sup>30</sup> LACERDA, Cassiana Lícia de. A praça e seus símbolos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22 mar. 2003.

\* Esse painel foi restaurado, em 2003, pelos alunos do Curso de Restauro Arquitetônico e Escultórico promovido pelo Centro de Cultura Italiana, com o apoio da Fundação Cultural de Curitiba e da Secretaria de Estado da Cultura.

<sup>31</sup> LACERDA, Cassiana Lícia de. A praça e seus símbolos III. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 08 mar. 2003.

ta em Curitiba da Banda Marcial e de Música do Corpo de Fuzileiros Navais impressionou a multidão. Unidades do Exército Nacional e da Aeronáutica também desfilarão, e a artilharia e a unidade de Engenharia de União da Vitória trouxeram mais de cem viaturas especializadas. Grupos étnicos (ucraínos, holandeses, germânicos, portugueses) exibindo trajes típicos e ensaiando coreografias atraíram a atenção de todos. Notamos que a presença de os imigrantes sempre constituiu-se em um elemento muito forte na história do Paraná. Ainda que hoje também se procure destacar a importância dos grupos nativos da região do Paraná e oriundos de outras partes do Brasil, não se pode negar a marca que deixaram impressa na história regional.

A Direção de Festas realizou exposições de livros e de curiosidades dos grupos germânico, japonês, ucraino e polonês, nas dependências do Instituto de Educação. Bailes populares nas sociedades recreativas ocorreram simultaneamente ao banquete oficial realizado no Clube Curitibano para as altas autoridades que compareceram aos festejos do Centenário. Uma missa campal, celebrada por D. Manuel da Silveira D'Elboux na manhã do dia 20, nas escadarias da Catedral, atraiu grande público. A Catedral foi decorada externamente com grandes escudos do Estado. Nas torres, como fundo para o altar, havia uma imensa bandeira do Paraná encimada pelo Pavilhão Nacional.

O prédio da Biblioteca Pública serviu como oficina de decoração dos objetos que enfeitaram as ruas da cidade. Todas as cerimônias foram transmitidas por rádio para a capital e o interior.<sup>32</sup>

Programados para serem inaugurados em dezembro no centenário do Paraná, os principais marcos arquitetônicos – Biblioteca Pública do Paraná, Centro Cívico, Teatro Guaíra – não foram concluídos. Somente na passagem do 101º aniversário de emancipação do Paraná, à meia-noite, S. Excia., João Café Filho, Presidente da República, inaugurou o Palácio Iguazu. No dia 19 de dezembro de 1954, seguiram-se as outras inaugurações: Biblioteca Pública; Pequeno Auditório do Teatro Guaíra e Instituto de Biologia. A pompa e o

patriotismo novamente eram perceptíveis no povo paranaense.

Embora Munhoz da Rocha tenha recebido diversas críticas durante seu governo, como a de alguns jornais que lamentavam os gastos com as obras do centenário, considerados excessivos, ou o caráter elitista que a comemoração teria atingido, o ano de 1953 ficou marcado na memória dos indivíduos que viveram esse acontecimento. Em “Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)”, Antonio Cesar de Almeida Santos comenta que, para seus entrevistados, “o *“governo Bento” iniciara a transformação de Curitiba no que ela é hoje com as obras inauguradas naquela ocasião*”<sup>33</sup>. Assistia-se a uma “refundação” da cidade, diz ele. Esse fato demonstra como é possível - pela institucionalização de símbolos e monumentos hoje rememorados por todos nós, porque participamos de tal episódio histórico ou porque nos foram transmitidos por familiares e conhecidos – preservar e ativar os rastros da memória. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde prevalece o efêmero, esses marcos representam o nosso passado, são lugares de nossa memória.

#### FONTES

1. ÁLBUM do Natal do Centenário do Paraná da Revista A Divulgação. Curitiba: Velox Propagadora, v.7, dez. 1953.
2. ANUÁRIO SUL DO BRASIL. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1952.
3. O CRUZEIRO. Paraná brotinho de cem anos. Rio de Janeiro, 1954, v. 26, n.14.
4. A DIVULGAÇÃO. Curitiba: Velox Propagadora, ago. 1953.
5. ILUSTRAÇÃO Brasileira: Edição Comemorativa do Centenário do Paraná. Rio de Janeiro: O Malho, 1953, v.44, n.224.
6. LACERDA, C. L. de. A praça e seus símbolos. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 22 mar. 2003.
7. \_\_\_\_\_. A praça e seus símbolos II. **Gazeta do Povo**, Curitiba,

<sup>32</sup> RELATÓRIO 1953-1954. Curitiba, 12 maio 1954. 13 p. (datil.)

<sup>33</sup> SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)**. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p.45.

28 mar. 2003.

8. \_\_\_\_\_. A praça e seus símbolos III. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 08 mar. 2003.

9. MENSAGEM do Governador à Assembléia Legislativa do Estado. Curitiba, v.3, n.25, jun. 1951.

10. AREPÚBLICA. Curitiba, 10 ago. 1903, v.18, n.178.

11. AREPÚBLICA. Curitiba, 16 jan. 1904, v.19, n.12.

12. AREPÚBLICA. Curitiba, 17 out. 1903, v.18, n. 234.

13. AREPÚBLICA. Curitiba, 21 dez. 1903, v.18, n.288.

#### REFERÊNCIAS

1. ARANTES, O. B. F. Os dois lados da arquitetura francesa pós-beaubourg. **Novos estudos**. n.22, out 1988.
2. DOSSE, F. **A história à prova do tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
3. HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
4. LE GOFF, J. **História. Enciclopédia Einaudi** – Memória–História. Porto: Imprensa Nacional, 1984.
5. MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.
6. NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, 1993, n.10.
7. POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: FGV, 1992, v.5, n.10.
8. SANTOS, A. C. de A. **Memórias e cidade**: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). 2. ed. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999.
9. SILVA, H. R. da. “Rememoração”/ come-moração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.22, n.44.
10. THIESSE, A. M. **A construção das identidades nacionais**: Europa – Séculos XVIII-XX. Lisboa : Temas e Debates, 1999.